



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

DOI: <https://doi.org/10.20873/v6/DS>

**DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: REFLEXÕES SOBRE O CONTROLE DO
CORPO A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO EM PALMAS – TO
(2006-2020)**

SUSTAINABLE DEVELOPMENT: REFLECTIONS ON BODY CONTROL FROM A GENDER
PERSPECTIVE IN PALMAS – TO (2006-2020)

DESARROLLO SOSTENIBLE: REFLEXIONES SOBRE EL CONTROL DEL CUERPO
DESDE UNA PERSPECTIVA DE GÉNERO EN PALMAS – TO (2006-2020)

Jeany Castro dos Santos¹

Temis Gomes Parente²

RESUMO: Entre os objetivos do desenvolvimento sustentável está o de promover a igualdade de gênero, posto isto, o estudo propõe uma reflexão sobre o corpo no contexto das atividades físicas que são realizadas em Palmas, estado do Tocantins, no período de 2006 a 2020. Foi considerado os dez anos (2006 a 2016) de sistematização da pesquisa do Ministério da Saúde que monitora a população das capitais brasileiras em relação aos fatores de risco a doenças crônicas não transmissíveis, como é o caso da obesidade. A publicidade dos dados, pela imprensa local, atribuiu a Palmas o título de capital mais magra do Brasil por apresentar os menores percentuais de obesidade. Estabeleceu-se como objetivo: analisar os mecanismos de controle do corpo e refletir sobre o comportamento das mulheres e dos homens que realizam atividades físicas. Como metodologia, utilizou-se a História Oral, tendo em vista o interesse pela subjetividade inerente às narrativas orais. A análise das narrativas permitiu inferir que os mecanismos de vigilância e controle do corpo, que estabelecem padrões de normalidade, influenciam na decisão de realizar atividade física, tendo em vista a

¹ Universidade Estadual do Tocantins

² Universidade Federal do Tocantins



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

necessidade de garantir a manutenção da ordem binária que validam construções culturais que reforçam as diferenças de gênero.

PALAVRAS-CHAVES: Corpo; Cidade; Gênero

ASBTRACT: Among the objectives of sustainable development is to promote gender equality, therefore, the study proposes a reflection on the body in the context of physical activities that are carried out in Palmas, state of Tocantins, in the period from 2006 to 2020. the ten years (2006 to 2016) of systematization of the Ministry of Health research that monitors the population of Brazilian capitals in relation to risk factors for chronic non-communicable diseases, such as obesity. Publicity of the data, by the local press, attributed to Palmas the title of leanest capital in Brazil for presenting the lowest percentages of obesity. The following objectives were established: to analyze the body's control mechanisms and reflect on the behavior of women and men who perform physical activities. As a methodology, Oral History was used, in view of the interest in subjectivity inherent to oral narratives. The analysis of the narratives allowed us to infer that the mechanisms of surveillance and control of the body, which establish standards of normality, influence the decision to perform physical activity, in view of the need to ensure the maintenance of the binary order that validate cultural constructions that reinforce differences of gender.

KEYWORDS: Body, City, Gender.

RESUMEN: Entre los objetivos del desarrollo sostenible está promover la igualdad de género, por lo tanto, el estudio propone una reflexión sobre el cuerpo en el contexto de las actividades físicas que se realizan en Palmas, estado de Tocantins, en el período de 2006 a 2020. los diez años (2006 a 2016) de sistematización de la investigación del Ministerio de Salud que acompaña a la población de las capitales brasileñas en relación a los factores de riesgo de enfermedades crónicas no transmisibles, como la obesidad. La publicidad de los datos, por la prensa local, atribuyó a Palmas el título de capital más magra de Brasil por presentar los menores porcentajes de obesidad. Se establecieron los siguientes objetivos: analizar los mecanismos de control del cuerpo y reflexionar sobre el comportamiento de mujeres y hombres que realizan actividades físicas. Como metodología se utilizó la Historia Oral, dado el interés por la subjetividad inherente a las narraciones orales. El análisis de las



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

narrativas permitió inferir que los mecanismos de vigilancia y control del cuerpo, que establecen patrones de normalidad, influyen en la decisión de realizar actividad física, ante la necesidad de asegurar el mantenimiento del orden binario que valida la cultura. construcciones que refuerzan las diferencias de género.

PALABRAS LLAVE: Cuerpo, Ciudad, Género

INTRODUÇÃO

O presente estudo se propõe a tematizar sobre a realização de atividades físicas desenvolvidas na Praça dos Girassóis localizada em Palmas, estado do Tocantins, no período de 2006 a 2020. O referido logradouro é utilizado pelas sujeitas e pelos sujeitos em atividades de treinamento funcional e corrida, com maior recorrência entre o final da tarde e início da noite.

A flexão do gênero feminino do vocábulo “sujeitas” foi uma decisão justificada pela necessidade de dar destaque, ou em outras palavras, de marcar o fenômeno relacionado à participação das mulheres, visto que os grupos que realizam atividades físicas nas praças existentes na cidade possuem um percentual elevado de mulheres. De acordo com as fontes orais, esse percentual, na maioria dos grupos, chega a mais de 90%. Representa, portanto, o que Catherine Walsh³ (2013) denominou de “linguagem desobediente”.

³ Na primeira menção dentro do texto, as autoras e autores serão apresentados pelo nome completo como forma de valorização e identificação das mulheres e dos homens que contribuíram teoricamente com este estudo como o fez Raimundo Nonato Lima dos Santos em sua tese (2016).



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

Sobre a apresentação do nome completo das autoras e dos autores, cabe informar que serão apresentados pelo nome completo como forma de valorização e identificação das mulheres e dos homens que contribuíram teoricamente com este estudo. A autora valeu-se deste argumento para justificar, em sua escrita, o uso do “x” para representar mulheres e homens.

Outra autora a utilizar argumento na mesma direção é Djamilia Ribeiro (2019) descrevendo como linguagem sem obediência às regras da gramática normativa para fazer referência a forma que autora Lélia Gonzalez para escrever o texto intitulado “Racismo e sexismo na cultura brasileira. Nesse sentido, valho-me deste argumento para fundamentar o emprego da palavra “sujeitas” no presente estudo.

Outra autora a utilizar uma “linguagem desobediente” foi Grada Kilomba (2019) ao destacar em *itálico* as palavras que não possuem flexão de gênero na língua portuguesa, como foi o caso da palavra *sujeito*. Com base nesse argumento se justifica, neste estudo, o uso dos termos “*sujeitos*” e “*sujeitas*” para esta marcação.

Refletir sobre as motivações das mulheres e dos homens para a realização de atividades físicas para além da busca pela qualidade de vida conduziu ao questionamento a respeito da necessidade de garantir a manutenção da ordem binária, mediante o reforço de características físicas que validam construções culturais determinantes para a atribuição de diferenças entre mulheres e homens, esta problematização só foi possível mediante a análise da subjetividade presente nas motivações que levaram mulheres e homens a realizar atividades físicas nesse lugar.

Importante ressaltar que a narrativa de história oral é sempre resultado de um processo dialógico entre as pesquisadoras e sua fonte, por esta razão “[...] depende largamente do que [as entrevistadoras] põem em termos das questões, diálogo e relações pessoais” (PORTELLI,



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

1997, p. 35), e depende em igual medida, do que a entrevistada ou o entrevistado narra e do que será interpretado pelas pesquisadoras. A interpretação não pode ser baseada simplesmente nos fatos narrados, mas, sobretudo, nos significados que eles possuem, os quais, por sua vez, dependem da lupa teórica adotada no estudo.

A história oral tem na narrativa o seu principal elemento de análise dando maior atenção aos significados dos eventos narrados do que aos eventos em si. Esse aspecto pode ser evidenciado mediante uma característica da memória que é a seleção dos eventos significativos, visto que, como destaca Alessandro Portelli (1997, p. 33), a memória “não é um depósito passivo de fatos, mas um processo ativo de criação de significados”.

Fizeram parte deste estudo profissionais de educação física que atuam em atividades de treinamento funcional e esportistas que praticam esta modalidade esportiva na Praça dos Girassóis⁴. Para preservar o sigilo⁵ das entrevistadas e dos entrevistados, foram-lhes atribuídos nomes fictícios. Para tanto, utilizou-se os nomes dos deuses da mitologia greco-romana⁶, em virtude da preocupação que esses dois povos tinham com o corpo. Para as mulheres, adotou-se o nome das deusas romanas e para os homens utilizou-se o nome dos deuses gregos.

No perfil de profissional de educação física foram entrevistadas 4 (quatro) pessoas, sendo 3 (três) homens e 1 (uma) mulher. No perfil de esportistas, foram entrevistadas 12

⁴ Este critério foi estabelecido devido à centralidade que a Praça exerce no desenho urbano de Palmas e por não ter sido projetada para esta finalidade. Tal situação pode evidenciar a presença dos mecanismos do biopoder que de acordo com Foucault (2008, p. 3) corresponde ao “conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas [...]”. Na escolha tanto pelas pessoas que utilizam a praça para atividades físicas, quanto pelos profissionais que utilizam a praças para fins econômicos.

⁵ O sigilo foi uma recomendação do Conselho de Ética da Universidade Federal do Tocantins.

⁶ Inspirado em Simon Goldhell (2007) quando descreve o quanto a cultura greco-romana influencia nossas vidas até hoje.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

(doze) pessoas, sendo 9 (nove) mulheres e 3 (três) homens. Os entrevistados citados neste artigo foram: Apolo, Carmenta, Ceres, Diana, Eros, Flora, Poseidon, Tulere, Vesta e Zeus.

A princípio, pensaram-se apenas nos nomes das deusas e deuses gregos, pela estreita relação com o esporte. Todavia, a quantidade de deusas gregas era insuficiente para representar todas as mulheres entrevistadas. Por esta razão, atribuíram-se aos homens, o nome dos deuses gregos e, às mulheres, os nomes das deusas romanas.

A coleta dos relatos orais ocorreu na Praça dos Girassóis, em comum acordo com as entrevistadas e os entrevistados, considerando que a entrevista, para Paul Thompson (2002, p. 265) deve ser realizada em “um lugar em que o informante se sinta à vontade”. O local da conversação, portanto, configurou-se numa forma de estimular as narradoras e os narradores a falar sobre o tema proposto – a atividade física –, visto que é na Praça dos Girassóis que essas atividades são realizadas.

Como afirma Lucilia de Almeida Neves Delgado (2010, p. 31), o local da entrevista, na metodologia de história oral, é um aspecto importante para garantir o estímulo à fala, pois “estimular é reativar o diálogo do presente com o passado” e, nesse sentido, Sônia Maria de Freitas (2006, p. 96) ressalta que o lugar escolhido para a entrevista representa um encontro com o passado.

Observou-se que as entrevistadas e os entrevistados, ao narrarem suas histórias, evidenciaram os eventos que eles julgaram, serem importantes e, dignos de serem lembrados. Nesse sentido, convém ressaltar que o ato de lembrar, de acordo com a historiadora Temis Gomes Parente (2006, p. 307), evoca sentimentos que permitem “a percepção dos momentos narrados não por palavras, mas pelo silêncio [...] entre uma fala e outra”.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

Para a história oral, o corpo deve ser considerado no processo de construção da narrativa. Este elemento foi evidenciado pelo autor e autora Ricardo Santhiado e Valéria Barbosa de Magalhães (2020) ao questionar o lugar do corpo na história oral.

As entrevistadas e os entrevistados contam não apenas o que fizeram, “mas o que queria[m] fazer, e o que acreditava[m] estar fazendo e o que agora pensa[m] que fez” (PORTELLI, 1997, p. 31). A este respeito o historiador Tedeschi (2014, p. 37) esclarece que as “memórias se constroem e se organizam, na vontade de incursionar o sentido das vivências do passado no propósito de expô-las seletivamente, publicamente e coerentemente narradas para dar conta da trajetória de vida da pessoa em sociedade”. Essa é uma característica importante para a escolha da metodologia de história oral, visto que é na subjetividade dos fatos narrados que os objetivos desta investigação foram alcançados.

2. ESCAPANDO AO CONTROLE: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Neste estudo, recorre-se as duas dimensões do controle desenvolvidas por Foucault (1987, 1999): a individual (disciplina) e a social (biopoder), para refletir sobre as diferenças entre o controle exercido sobre o corpo das mulheres e a exercida sobre o corpo dos homens, para tanto, recorre-se às discussões de gênero, buscando entender as razões dessas diferenças.

Em seguida, evoca-se ao referencial teórico da subjetividade para entender como as mulheres e os homens reagem à subjetividade social e individual. Com esse desenho, busca-se analisar as narrativas das mulheres e dos homens que realizam atividades físicas na Praça dos Girassóis.

Quando Foucault (1987) discute sobre o poder que age sobre o corpo, está se referido ao poder disciplinar. Já quando se volta a um poder que age sobre a população, apresenta



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

outro tipo de poder, o qual denomina como biopoder (FOUCAULT,1999). Retoma-se essa explicação para levantar um questionamento: as reflexões de Foucault (1987, 1999) quanto à preocupação da população com o corpo não explicam o motivo de mulheres e homens possuírem cobranças diferentes para esse aspecto. Isso sinaliza para a necessidade de se discutir o que é gênero.

Sobre esse aspecto, Marcela Lagarde (1996) explica que gênero é uma construção social do ser no mundo, ou seja, está relacionado às ações, comportamentos, atitudes, maneira de atuar e de se relacionar; liga-se ao conjunto de coisas que o ser humano pode ou não fazer, dizer ou pensar. Gênero, para a autora, corresponde à ordem sociocultural dos seres humanos sobre a base da sexualidade⁷. E essa é o que diferencia o controle do corpo das mulheres do controle do corpo dos homens. Dessa forma, a diferença sustentada na sexualidade assegura o poder de um gênero sobre o outro (LAGARDE, 1996).

De acordo com Joan Wallach Scott (1990, p. 26), “as estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e feminino”. O processo de desconstrução das diferenças de gênero atua no sentido de promover o deslocamento das construções hierárquicas, resistindo à ideia de que tal diferença é natural.

A desnaturalização das diferenças de gênero é um caminho possível. Para tanto, é necessário compreender o significado social do que se ensina e se entende como macho/fêmea, masculino/feminino (SCOTT, 2012). Ao se construir representações de igualdade na diferença para as mulheres e homens, acredita-se estar construindo uma sociedade melhor para os gêneros.

⁷ De acordo com Lagarde (1996), a sexualidade corresponde a uma construção sócio-histórica de ordem genérica que tem o homem como representação da humanidade.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

Scott (1990, p. 21) explica que “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. O pensamento de que gênero é uma construção social é corroborado por Susan Moller Okin (2005, p. 306) afirma que gênero corresponde à institucionalização social das diferenças entre os sexos.

Scott (2012) esclarece, ainda, que gênero foi usado para analisar as relações entre os sexos e a desigualdade de poder, buscando romper com o determinismo biológico. Assim, gênero é “um lugar de lutas sobre o que conta como natural e o que conta como social” (SCOTT, 2012, p. 345).

A ênfase dos estudos de gênero às desigualdades é, para Scott (2005), um paradoxo, pois ao reivindicar direitos, recorre-se às diferenças e corre-se o risco de reforçá-las ainda mais. Com isso, as desigualdades são ao mesmo tempo afirmadas e negadas.

Scott (2005, p. 24) aponta que “somente aqueles que não se assemelham ao indivíduo normativo tem sido considerado diferente”. Isso sustenta a diferença de controle entre o corpo da mulher e o corpo do homem. Nesse sentido, as discussões de gênero são postas para questionar “as regulações normativas que estabelecem os papéis de gênero⁸” (SCOTT, 2012, p. 346). Assim, considerando que as atividades físicas acabam, em alguma medida, reforçando as diferenças biológicas entre os sexos, pode-se entender ser essa a “norma” que os estudos de gênero buscam questionar.

⁸ Papéis de gênero aqui são entendidos como “comportamentos e atitudes socialmente esperados pelos membros de uma sociedade, diferenciados por sexo, pois falar de papéis de gênero é falar de padrões, regras que uma dada sociedade estabelece para com seus membros. Eles definem comportamentos e formas de as pessoas se relacionarem. O aprendizado de papéis leva ao conhecimento e à internalização de modelos daquilo que se considera adequado, ou não, para um homem ou para uma mulher em dada sociedade” (PARENTE, 2007, p.105).



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

A norma que pressupõe o controle pelo qual os corpos estão sujeitos está imbuída de significações sociais e culturais. De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Junior (2020, p. 261), essas significações estão associadas ao fato de “cada ser humano possui[r] o corpo que sua cultura permite que sua ordem social prescreva e possibilita”. Assim, o corpo é “um artefato, uma construção humana”.

3. (IN)SATISFAÇÃO⁹ COM O PRÓPRIO CORPO

A (in)satisfação com o próprio corpo foi um tema proposto para refletir sobre como o poder disciplinar atua no cotidiano das mulheres e dos homens que realizam atividades físicas na Praça dos Girassóis.

No contexto das atividades físicas, o controle do corpo faz referência à estética (aspecto corporal) e à performance (desempenho corporal). Nesse sentido, busca-se entender, a partir das falas das sujeitas e dos sujeitos, a relação existente entre o controle social e cultural construído com a realização das atividades físicas.

A respeito da modificação do corpo da mulher e do homem por meio da realização de atividades, recorre-se a Albuquerque Junior (2020) pela discussão promovida em torno do corpo fabricado. Conforme o autor, “o corpo humano é a encarnação de projetos e modelos de corpos, culturalmente e socialmente produzidos” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2020, p. 264).

⁹ Recorreu-se à utilização do termo (in)satisfação para abranger tanto as situações de insatisfação quanto de satisfação com o corpo, visto que as narrativas apresentam as duas situações.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

As atividades físicas, a partir do que Albuquerque Junior (2020) traz como tecnologia¹⁰ que fabrica corpos, compreendem uma encenação social que exige da mulher um corpo diferente do homem. Essas diferenças são trazidas para discussão a partir do que as sujeitas e os sujeitos narram sobre o que é importante para os seus respectivos corpos no contexto da realização de atividades físicas.

A narrativa de Diana parte de um lugar de fala de uma profissional de educação Física que atua na prestação de serviços de treinamento funcional. Nessa posição, ela descreve que as mulheres que a procuram, apresentam a seguinte demanda: “[...] Eu quero ter a coxa grossa, eu quero ter o bumbum duro e grande e eu quero diminuir o meu abdômen, 90% das mulheres querem isto” (DIANA, 2020).

Já os homens, afirma Diana, buscam o desempenho na corrida: “[...] Eles estão em quantidade reduzida, são os que menos conversam, eles são mais focados naquilo que eles querem, quando eles chegam, eles não querem conversar, ele quer treinar e pronto (DIANA, 2020).

Conforme Albuquerque Junior (2020. p. 265), “os corpos são linguagem, são símbolo, são signos, por isto significam e comunicam”. Assim, as escolhas que marcam o corpo de mulheres e de homens visam transmitir uma mensagem, como explica a entrevista de Diana, em que é possível deduzir que as mulheres buscam a estética e os homens, o desempenho. Todavia, para além da fala de Diana, interessa, neste estudo, saber o que influencia essa decisão.

A percepção de Diana sobre o que as mulheres buscam com as atividades físicas, para além da estética, faz referência à necessidade de interação. Já no caso dos homens, infere-se que há uma influência social ligada à necessidade de evidenciar virilidade e força.

¹⁰ Albuquerque Junior (2020, p. 264) apresenta como tecnologia que fabrica corpos a “encarnação de projetos e modelos de corpos, culturalmente e socialmente produzidos” e exemplifica “as intervenções das cirurgias plásticas, os procedimentos estéticos e dermatológicos” e acrescentam-se, neste estudo, as atividades físicas.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

No contexto de um espaço de valorização dos aspectos físicos como é o espaço em que as pessoas realizam atividades físicas, Carmenta foi convidada a falar sobre o que mudaria no seu corpo, se pudesse: Acho que eu tiraria um pouquinho da barriga, sempre é a bendita da barriga. A gente come um docinho, parece que vai só para barriga, não vai para outro lugar não (CARMENTA, 2019).

A narrativa de Zeus traz uma preocupação parecida: O que me chama mais atenção é a barriga, eu não quero ficar um coroa barrigudo, aí tem que treinar para quebrar a barriga (ZEUS, 2019).

As narrativas de Carmenta e Zeus trazem a mesma preocupação, a barriga¹¹, o que leva a presumir que esteja relacionada à insatisfação do corpo, sendo esta decorrente de uma necessidade socialmente construída. A subjetividade social, de acordo com Elias Caires de Souza e José Fernando Patino Torres (2019), é uma dinâmica que se constrói nas relações sociais dos grupos. Nesse caso, faz referência à preocupação com a barriga, estando presente na narrativa tanto de Carmenta quanto de Zeus.

Em outra perspectiva, a descrição de Ceres sobre a relação com o seu corpo mostra-se amistosa, o que permite inferir a presença da subjetividade individual, que corresponde àquela construída no decurso de processos subjetivos que permitiu, em alguma medida, negar os ideais de corpo, como os relatados por Zeus e Carmenta. O caso de Ceres se mostra diferente, pois sua preocupação é com o envelhecimento e não com uma parte específica do corpo.

A relação com o meu corpo é muito boa, me olho no espelho, gosto do que vejo. Eu tenho 48 anos, gosto do que vejo, gosto da comunicação que eu passo para o espelho

¹¹ A invenção “da ‘barriga negativa’ atualmente divulgada em textos e imagens como modelo de excelência corporal para ambos os sexos o vocabulário desta exigência é criativo, pois há também a ‘barriga zero’, a ‘barriga chapada’, ‘a barriga tanquinho’”(SANT’ANNA, 2014, p. 4).



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

e do espelho comigo. O fato de estar envolvida com atividade física, talvez eu esteja adquirido aí de 5 a 10 anos de vida a mais em comparação com os meus pais que estão sem fazer atividade física (CERES, 2019).

De acordo com Albuquerque Junior (2020, p. 261), o corpo faz parte da cultura e é por ela moldado, ou seja, “possuir um corpo depende de um aprendizado, de processos educativos, de pedagogias que atuam no cotidiano e nos vários âmbitos da vida social”.

Nesse sentido, a narrativa de Ceres leva a entender que é satisfeita com o seu corpo, apesar do controle decorrente das construções culturais que estabelece como norma um determinado artefato de corpo. Todavia, Ceres demonstra certa preocupação com a idade ou em retardar os efeitos da idade. De encontro a essa preocupação, a narrativa de Zeus aponta que a preocupação com a idade não é apenas das mulheres, mas, também, dos homens [...] O meu condicionamento [físico] está bom. Hoje eu estou com 35 anos, eu não acreditava que depois dos 35 anos eu estaria com minha forma física plena (ZEUS, 2019).

A atividade física, tanto no caso narrado por Ceres quanto no narrado por Zeus, atua como uma espécie de controle do tempo, e, nas duas narrativas, aparece com o poder capaz de retardar os efeitos do tempo: na fala de Ceres, quando menciona “Talvez eu esteja adquirindo aí de 5 a 10 anos de vida a mais em comparação com os meus pais”, ou na narrativa de Zeus: “Eu não acreditava que depois dos 35 anos estaria com minha forma física plena”. A cobrança social referente à necessidade de uma aparência jovem é explicada por Sant’Anna (2014, p. 3).

Evidentemente, os homens não são poupados de tal tarefa. A busca de uma aparência jovem e obediente aos padrões da moda tende historicamente a recair sobre ambos os sexos. Entretanto, é sobre as mulheres que as inúmeras expectativas de ter um corpo “em forma” e sem as marcas da velhice, recaem com maior naturalidade e rigor.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

A necessidade de parecer mais jovem do que realmente se é, também pode ser decorrente da construção cultural e social a que sujeitas e sujeitos estão inseridos. Sant'Anna (2018, p. 6) esclarece que no Brasil, um país “de Jovens”, ter esta aparência é um imperativo, tanto para mulheres como para homens, pois em “[...] países com uma população majoritariamente formada por jovens [...] intensifica-se a exigência para apagar dos corpos as marcas da idade”.

A atividade física, como apontada no contexto das narrativas de Ceres e Zeus, pode ser entendida como um mecanismo utilizado para atender à norma. O corpo considerado fora da norma, a que os estudos feministas buscam questionar, estão contidos na descrição trazida por Goellner (2010, p. 75): “[...] corpos indesejáveis multiplicam-se em gordos, feios, andróginos, drogados, velhos, deficientes, flácidos, inaptos, lentos, gays”, por isso manter-se jovem é uma preocupação tão presente em uma sociedade que valoriza a juventude como norma.

A narrativa de Tulere, apresentada a seguir, traz alguns elementos importantes de análise, tanto no sentido de como escapar ao controle do poder, quanto como ser por ele capturado “Eu acho que cada pessoa tem um biotipo, acho que não importa, as pessoas – ah eu queria ter o corpo de fulano, se a pessoa se sente bem, para mim aquele é o corpo ideal [...]. Na verdade, hoje eu sou satisfeita com o meu corpo [...]”.

O que a narrativa de Telure permite abstrair é que ela entende que a anatomia do corpo é singular, e, no seu entendimento, isso influencia para que cada um se sinta bem como o seu próprio corpo. Telure defende a ideia de que, por ser singular, não haveria a necessidade das pessoas quererem um corpo diferente do que tem.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

Todavia, a narrativa de Telure apresenta uma questão que leva a crer ter sido ela capturada pelo poder: “Hoje eu sou satisfeita com o meu corpo [...]”. Essa afirmação produziu o seguinte questionamento: O que teria mudado no corpo de Telure que a faz se sentir “hoje” satisfeita com o seu corpo? Durante a entrevista, Telure narrou que era gorda e que o momento mais difícil para ela era na hora de comprar uma roupa, pelo fato de não poder escolher a que desejava, e sim a que lhe servia. Esse aspecto lhe causava muita dor.

O sentido subjetivo decorrente dessa experiência desencadeou em Telure processos simbólicos e emocionais que lhe permitiram promover mudanças em sua rotina. Tais mudanças possibilitaram uma melhor relação com o seu corpo, como pode ser observado na sua afirmação de que hoje é satisfeita com o seu corpo. A este respeito Sant’Anna (2014, p. 9) traz que “as narrativas referentes ao sofrimento do obeso incluíram a dor de carregar um corpo” diferente da norma.

A possibilidade de analisar os significados dos fatos narrados permite recorrer ao que Albuquerque Junior (2020) denomina por identidade de gênero. A identidade de gênero tem relação com o processo de autopercepção e com o processo de identificação.

A autopercepção permite às sujeitas e aos sujeitos se relacionar com o corpo para além das convenções sociais e culturais determinada para o corpo biológico, aspecto este presente na narrativa de Telure: “Se a pessoa se sente bem, para mim aquele é o corpo ideal”. Já no processo de identificação é necessário atender à norma da classificação binária para que haja a aceitação do corpo, caso contrário ocorre o estranhamento com o próprio corpo.

O fato de Telure estar “hoje” satisfeita com o próprio corpo pode estar associado tanto com a aproximação da norma, no caso de perceber seu corpo dentro da norma, quanto o seu contrário, a satisfação de Telure pode ser em decorrência de ter saído das gavetas binárias,



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

que definem como deve ser o corpo das mulheres e como deve ser o corpo dos homens (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2020).

A narrativa de Apolo traz mais elementos de como o corpo pode escapar ao controle do poder, mas, também, de como o poder pode, numa linha tênue, determinar o controle sobre o corpo. A narrativa de Apolo traz ainda os ideais de corpo construído social e culturalmente para o corpo do homem.

O ideal de corpo é muito pessoal, tem uns que se sentem bem, mais musculoso [...]. Acho que você tem que gostar do seu corpo, não cobrar demais do seu corpo.[...] Eu gosto do meu corpo, apesar de eu [riso] sou zambeto, corcunda, mas eu não ligo muito para isto não. Deus me fez desta maneira [riso] eu não vou questionar nem reclamar, porque tenho estes problemas (APOLO, 2019).

Apolo, na parte inicial de sua narrativa, dá a entender que não importa o formato do corpo que é apresentado como sendo o ideal, e sim o que cada um, a partir da subjetividade individual, entende ser o corpo ideal para si. A subjetividade individual, de acordo com Gonzalez Rey (2016), consiste nos processos subjetivos em que as sujeitas e os sujeitos assimilam tanto as influências sociais, quanto as experiências vivenciadas ao longo da vida. Esse aspecto da subjetividade individual permite entender que, apesar da influência social, cada sujeita e cada sujeito ao longo da vida, constroem os significados do que para ambos é importante de ser considerado em relação ao seu corpo.

O gostar do seu corpo, apresentado na narrativa de Apolo, está diretamente associado ao que Souza e Patino Torres (2019) denominam como configuração subjetiva. De acordo com os autores, a configuração subjetiva é uma fonte permanente de sentidos subjetivos; cada indivíduo vai acumulando experiências ao longo de sua vida, e sempre que uma nova experiência é vivenciada, ela é colocada em contato com experiências vivenciadas anteriormente, num processo de interação dialógica, ampliando desta forma as possibilidades



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

de, ao mesmo tempo, considerar as influências sociais, sem ter que ser totalmente dominado por elas, tal como propõe Apolo: “Acho que você tem que gostar do seu corpo, não cobrar demais do seu corpo”.

Apolo afirma que gosta do seu corpo, apesar de relatar alguns aspectos físicos, os quais socialmente podem ser lidos como um problema: “Sou zambeto, corcunda”, e continua, “mas eu não ligo muito para isto não”. Apesar de afirmar que não se importa “muito” com esses aspectos físicos, Apolo denota que, em alguma medida, se importa com o que ele entende como sendo um problema.

O aparente conformismo de Apolo na frase: “Deus me fez desta maneira [riso] eu não vou questionar nem reclamar, porque tenho estes problemas”, demonstra que o fato de “aceitar” o corpo que possui não significa que esteja satisfeito com ele. O sorriso pálido ao falar sobre o seu corpo demonstrou que, por mais que a atividade física tenha moldado o seu corpo aos ideais socialmente construídos, a prática de atividades física não pode reparar as marcas do que ele descreve como sendo um problema.

A partir da narrativa de Apolo, algumas percepções são sentidas, como quando ele apresenta um sorriso que demonstra desconforto ou quando recorre a uma autoridade suprema para se conformar “vontade de Deus”. Essas são possibilidades que a história oral oferece em relação à interpretação das narrativas “histórias dentro de história”. Neste caso, trata-se de perceber o poder da norma em relação ao olhar que as sujeitas e os sujeitos têm sobre o próprio corpo.

A proposta de discutir o corpo a partir da perspectiva social e individual levou em consideração o que Portelli (1997) trouxe como sendo o que faz a história oral interessante, ou seja, a história contada por uma multiplicidade de pontos de vista. O autor defende a importância de possibilitar o diálogo entre os diferentes sujeitos. Para ele, “a confrontação de



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

suas diferentes parcialidades – confrontação como conflito e confrontação como busca pela unidade” (PORTELLI, 1997, p. 39) é o que torna a história oral interessante, sobre este aspecto, não só para ele, como também para esta pesquisadora.

4. POR QUE “ELAS” SÃO MAIORIA NOS GRUPOS DE TREINAMENTO FUNCIONAL QUE SE REÚNEM NA PRAÇA DOS GIRASSÓIS EM PALMAS – TO?

A discussão sobre o porquê as mulheres serem maioria nos grupos que se reúnem na Praça dos Girassóis para a realização de atividade física foi necessária neste estudo, visto que é sobre essa parte da discussão que pesa o termo “escapando ao controle” presente no título deste capítulo. Apresenta-se também como proposta discutir sobre as razões que tornaram esse espaço indiferente ou desconfortável para os homens, ou pelo menos para alguns.

Em que pese às razões que tornaram o espaço da Praça indiferente ou desconfortável para os homens, recorrem-se às representações de masculinidade que pode influenciar na decisão de participar ou não de um determinado espaço. No que se refere aos estudos de gênero sobre as masculinidades, tem-se “[...] nos mais amplos termos, a forma pela qual [...] as diferenças sexuais dos corpos humanos são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico” (CONNEL, 1995, p. 189).

Assim como as feminilidades, as masculinidades são decorrentes de construções culturais que marcam o corpo de mulheres e de homens. De acordo com Cornel (1995), a masculinidade se materializa de diferentes formas, pode se dar em forma de masculinidade intelectual, masculinidade violenta, masculinidades antiviolença, entre outras.

Conforme Cornel (1995), a relação de dominação que permeia a masculinidade hegemônica corresponde a um conjunto de masculinidades agrupadas que não aceita desvios



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

nem questionamentos, ou seja, rejeita qualquer comportamento, por parte dos homens, que comprometa essa masculinidade. Sendo assim, os estudos de gênero sobre masculinidade permitem entender o afastamento dos homens dos espaços criados na Praça dos Girassóis para a realização de atividades físicas.

A cumplicidade entre os homens para com a preservação da masculinidade hegemônica pode ser observada quando os homens se negam a participar de um espaço em que as mulheres são maioria. A possibilidade de ter o seu corpo comparado ao da mulher, em alguma medida, ameaça a masculinidade hegemônica.

Ainda segundo Cornel (1995), a masculinidade hegemônica tenta garantir aos homens uma posição privilegiada na hierarquia de gênero, no entanto, esta estrutura é contraditória. A natureza contraditória do gênero é o “que torna possível a sua dinâmica histórica e impede que a história do gênero seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias” (CORNEL, 1995, p. 189). Dessa forma, mesmo que as diferentes masculinidades, de alguma forma, mantenham a masculinidade hegemônica, a presença de “outras” masculinidades possibilita deslocamentos que permitem mudanças.

A ausência dos homens pode, de alguma forma, estar relacionada à presença das mulheres, visto que, na masculinidade hegemônica, não se permite desvios, sendo o mais grave deles o de terem seus corpos comparados aos das mulheres. As diferenças de gênero, de acordo com Margareth Rago (2019), são construções culturais que produzem discursos masculinos que inferiorizam física e mentalmente as mulheres. Essa é a razão para que os corpos dos homens se mantenham afastados de qualquer comparação com os corpos das mulheres.

Na narrativa de Flora identificam-se elementos que permitem analisar as razões que, segundo ela, explicariam a ausência dos homens nestes espaços.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

Eu tenho um primo que é sedentário, inclusive quando eu comecei a vir aqui, eu chamei para participar junto comigo e ele falou – ah! mas lá tem só mulheres, eu respondi – não, tem homens também; ele – ah! Mas são poucos! Eu fico com vergonha. Em minha opinião os homens não participam justamente pelo grande número de mulheres. O medo é de ficar retraído, tímidos, ou porque os exercícios não são como na academia, exercícios com peso, eles podem não se sentir tão masculinos (FLORA, 2019).

Ao final da sua argumentação, Flora traz a seguinte frase: “Eles podem não se sentir tão masculinos”. A masculinidade, nos estudos de gênero, é entendida como uma prática social que se dirige aos corpos dos homens (CONNEL, 1995). Esse entendimento reforça a ideia de que o corpo do homem deve ser diferente do corpo da mulher, pois o discurso da masculinidade tanto exalta o corpo do homem, quanto inferioriza o corpo da mulher.

No contexto apresentado por Flora, a proposta do treino funcional, atividade que é desenvolvida pelos grupos que se reúnem na Praça dos Girassóis, é diferente da proposta da academia. Essa diferença, que de acordo com Flora, está relacionada ao “exercício com peso”, elemento que representa a virilidade do homem, é o que seria o limite que impede os homens de praticarem, junto com as mulheres, o treino funcional.

Todavia, Scott (1990) alerta que é necessário decodificar os sentidos das formas de interação humana. A este respeito, na opinião de Flora, “os homens não participam pelo medo”. O medo a que Flora se refere não está relacionado meramente com os aspectos biológicos, mas, sobretudo, com a cobrança social voltada à representação de masculinidade que os homens tentam preservar.

O fato narrado por Flora, que diz respeito à ausência dos homens nos espaços utilizados pelas mulheres para a realização de atividades físicas, aponta como causa a presença das mulheres: “Ah! mas lá tem só mulheres”. Esse ponto pode ser interpretado a partir do que Portelli (1997, p. 15) traz como representação de “[...] padrões culturais,



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

estruturas sociais e processos históricos”, que separa os espaços das mulheres dos espaços dos homens.

O incômodo sentido pelos homens diante da menor possibilidade de comparação com o corpo das mulheres foi identificado na construção da narrativa de Vesta:

Eu fico observando pelo meu esposo, quando chamo para praticar [treinamento funcional] ele diz – Não! Isto aí é muito leve, isto aí é coisa de mulher. Então os homens, a maioria dos homens, acham que é muito leve para eles né, então acha que não é atividade para homens (VESTA, 2019).

Os argumentos utilizados por Vesta apontam para as diferenças de gênero construídas social e culturalmente, nas quais os homens devem rejeitar os espaços praticados pelas mulheres. Ao se considerar a subjetividade implícita na narrativa de Vesta, esse aspecto pode ser percebido na sua citação a uma fala do companheiro: “Isto aí é coisa de mulher”. A explicação para o comentário do companheiro de Vesta é que “para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher” (WEILZER-LANG, 2001, p. 465).

O que torna algo coisa de mulher ou coisa de homem é a cultura. Connel (1995, p. 189) chama a atenção para o fato de que “a prática social se dirige aos corpos”, portanto, convoca as sujeitas e os sujeitos a reiterar as construções culturais que marcam as diferenças hierárquicas entre mulheres e homens. De acordo com autor, o aspecto biológico é constantemente evocado pela masculinidade para exaltar os homens e inferiorizar as mulheres. Segundo ele, “através desta lógica, as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais” (CONNEL, 1995, p. 189).

No contexto das atividades físicas, a masculinidade é preservada mediante exercícios vinculados à força como se subentende da fala de Vesta, mencionada acima, que é corroborada na narrativa de Carmenta:



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

Pois é, eu penso que na academia os homens pegam muito peso, no funcional é diferente, a gente tem os pesos, mas é mais para a gente ganhar resistência né. Na academia o ganho de massa muscular é bem maior. No funcional são aparelhos mais leves, servem mais para o fortalecimento. Agora ganho de massa mesmo, assim como desejam os homens, como se diz: bombado! É na academia mesmo (CARMEN, 2019).

O músculo compreende a evidência externa da força associada ao homem é a prova aparente do poder dos homens, a expressão da masculinidade, por isso a sua valorização, como afirma Connel (1995), remete à corporificação da masculinidade. A baixa procura dos homens pelos grupos de treinamento funcional pode ser explicada pela ausência da valorização do estereótipo masculino.

A narrativa de Poseidon, enquanto profissional de educação física, contém argumentos que permitem inferir que a cultura influencia no comportamento dos homens, legitimando o controle do corpo por meio da representação de masculinidade construída socialmente. No grupo conduzido por Poseidon, os homens são maioria e ele explica o motivo:

[...] Hoje tem muito homem devido a busca pela performance no treinamento de corrida, então foi este o motivo que fez com que você observasse uma realidade diferente dos demais grupos de treinamento funcional, trazendo muitos homens para a nossa equipe, mas quando se fala em treinamento funcional, que não exige a performance, aí a maioria realmente é mulher, nós temos uma demanda de 90% mulheres e 10% de homens (POSEIDON, 2019).

As atividades associadas à força atuam no reforço da masculinidade (KNIJNIK, 2003). A masculinidade consiste em um sistema de valores que visam reduzir homens e mulheres a funções pré-determinadas, que limitam a autogerência das sujeitas e dos sujeitos (WOLF, 1992), o que explica, em parte, a presença dos homens e a sensível ausência das mulheres no grupo de treinamento de corrida conduzido por Poseidon, diferenciando, desta forma, do demais grupo de treinamento funcional.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

A narrativa de Diana, profissional de educação física, confirma que nos grupos de treinamento funcional as mulheres são maioria. Diana descreve as razões que teriam afastados os homens desses grupos; para ela os homens são minoria porque não gostam de interagir no momento do treino.

[...] pela questão da integração, é um dos fatores, por exemplo, [...] a cada 100 mulheres, eu tenho 3 homens, eles estão em quantidade reduzida, são os que menos conversam, eles são mais focados naquilo que eles querem, quando eles chegam, eles não querem conversar, eles querem treinar e pronto (DIANA, 2020).

Os sentidos presentes na narrativa de Diana para explicar as razões de o porquê os homens serem minoria, faz referência ao fato de não quererem interagir: “Eles estão em quantidade reduzida, são os que menos conversam”. Embora se entenda que os homens não gostam de interagir devido ao fato de estarem em número reduzido, é necessário entender o motivo deles não se sentirem à vontade para interagir. Será que realmente os homens não gostam de conversar? Para ampliar essa discussão, toma-se a narrativa de Eros quando perguntado sobre as razões dos homens estarem em menor número no grupo por ele conduzido: “Infelizmente os homens não são muito [inclinados] para atividades coletivas, são muito preconceituosos [...]” (EROS, 2020).

Eros acredita que sim, que os homens não gostam de atividades coletivas, todavia acrescenta: “são muito preconceituosos”. A qual preconceito Eros se refere? Seria o fato de não gostarem de atividades coletivas com mulheres? E por esta razão não interagem? Será este o fato de Eros afirmar que os homens são preconceituosos?

Da narrativa de Eros é possível refletir melhor sobre as razões pelas quais os homens não interagem. Primeiro, Diana afirma que eles estão em menor número; em seguida, Eros descreve que os homens são preconceituosos. Os fatos narrados por Diana e Eros conduzem



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

ao entendimento de que a presença das mulheres, em alguma medida, constrange aos homens.

Para além das razões que levaram os homens a estarem em menor número ou não interagirem, as narrativas permitem pensar, numa ampla dimensão, sobre as razões que possibilitaram às mulheres ocuparem estes espaços, tanto por estarem em maior número quanto por usarem esse espaço para interação do grupo. A este respeito, Portelli (1997) ressalta que o mais importante na história oral são os significados dos fatos narrados e não os fatos em si. A presença marcante das mulheres é evidenciada nas possibilidades de relacionamentos geradas nestes espaços, discussão que será aprofundada no capítulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo ocupou-se das reflexões sobre o controle do corpo a partir do gênero e da subjetividade, como foi evidenciado na cobrança para que Telure (2019) aumentasse os seios por meio de procedimento cirúrgico, sob o argumento de que iria ficar mais bonita; ou magra e jovem, como no caso relatado por Ceres; ou ainda com coxas grossas, bumbum duro e barriga zero como descrito por Diana.

Até mesmo na situação descrita por Poseidon, em que os homens passaram a cuidar do cabelo, barba e realizar atividade física para emagrecer e perder barriga, como também foi relatado por Zeus.

Esses pontos evidenciaram o argumento de que o controle do corpo tem como propósito reforçar as características de classificação binária por meio de modelos de corpo cultural e socialmente produzidos.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

A análise das narrativas permitiu inferir que os mecanismos de vigilância e controle do corpo, que estabelecem padrões de normalidade, influenciam na decisão de realizar atividade física, tendo em vista a necessidade de garantir a manutenção da ordem binária que validam construções culturais que reforçam as diferenças de gênero.

Reconhecer e analisar dificuldades e tensões produzidas pela e a partir da pandemia no campo da educação nos leva a refletir sobre singularidade da condição da mulher nesse cenário, especialmente quando se entende que a categoria “mulher” não é uma categoria única ou determinada, pois a essencialização do “ser mulher” acaba por marginalizar ou invisibilizar questões que são restritas a grupos específicos de mulheres, vítimas de múltiplos sistemas sobrepostos de opressão (CRENSHAW, 1989).

Quando não se leva em conta a condição das mulheres, ainda mais das mulheres interseccionadas por múltiplas exclusões, está-se favorecendo os projetos educacionais e profissionais insensíveis às suas demandas, potencialmente segregadoras.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **(MAIS)CULINOS: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas pela presença de um pênis**. Outros tempos, Maranhão, n. 29, vol. 17, p. 260-281, 2020. Disponível em: <https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/776>. Acesso em: 12/01/2021.

APOLO [esportista]. Entrevista realizada na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 19 dez. 2019. 1 arquivo áudio, 37 min.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

BRASIL. **Vigitel Brasil 2016: em uma década**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2007b. Disponível em: <<http://www.as.saude.ms.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/VIGITEL-2016.pdf>>. Acesso em: 3/09/2017.

CARMENTA [esportista]. Entrevista realizada na Praça dos Girassóis Palmas-TO, 20 dez. 2019. 1 arquivo áudio, 23 min.

CERES [esportista]. Entrevista realizada na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 12 nov. 2019. 1 arquivo áudio, 18 min.

COELHO, Débora de Moraes, FONSECA, Tania Mara Galli. **As mil saúdes: Para quem e além da saúde vigente**. Psicologia & Sociedade; v. 19, n. 2, p. 65-69, 2007.

CONNEL. Robert W. **Políticas da masculinidade**. Educação e realidade. V. 20, n. 2. 1995. Acesso em: 10/12/2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>. Acesso em: 15/10/2019.

COURTINE. Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes 2013. Tradução de Francisco Morás. Título Original: Déchiffre le corps: penser avec Foucault.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, Edusc, 2012.

DE LAURETIS, Teresa. "A tecnologia de gênero". In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-242.

DELGADO. Lucília de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidade**. Revista História Oral, n. 6, 2003. Dep. De História, FFLCH – USP. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 10/02/2020.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Histórias das Mulheres na natação brasileira no século XX: das adequações às resistências sociais**. São Paulo: Hucitec, 2012.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

DIANA [esportista]. Entrevista realizada na Praça dos Girassóis. 08 jan. 2020. 1 arquivo áudio, 28 min.

EROS, [Profissional de Educação Física]. Entrevista realizada na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 18 dez. 2019. 1 arquivo áudio, 24 min.

FLORA [esportista]. Entrevista realizada na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 16 dez. 2019. 1 arquivo áudio, 35 min.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Título original: L'Archéologie du Savoir.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Trad. Mana Ermantina Galvão – São Paulo: Martins fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. Tradução: de Maria Thereza da Costas Albuquerque. Título Original: Historie de la Sexualité: Le souci de soi.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Tradução: de Roberto Machado.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987. Tradução: de Raquel Ramallete. Título Original: Surveiller et punir.

FREITAS, Sônia Maria de. História oral: possibilidades e procedimentos. **Eccos Revista Científica**, Universidade Nove de Julho, vol. 5, n. 1, junho, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidade e reconhecimento da diversidade**. Cadernos de formação RBCE, p. 71-83, mar. 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/984>. Acesso em: 21/05/2018



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte a cultura fitness**. labrys, études féministes/ estudos feministas jun/ décembre 2006/ junho/ dezembro 2006. Disponível em: <<https://www.labrys.net.br>>. Acesso: 20/10/2010.

GOLDHILL, Simon. **Amor, sexo & tragédia: Como os gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2007. 299p. Tradução Cláudio Bardella. Título Original: Love, Sex & Tragedy: How the Ancient World Shapes Our Lives.

JAEGER, Angelita Alice and GOELLNER, Silvana Vilodre. O músculo estraga a mulher? a produção de feminilidades no fisiculturismo. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2011, vol.19, n.3, pp.955-976. ISSN 0104-026X. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000300016>. Acesso em: 10-05/2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf> Acesso em: 10/11/2020.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **A mulher brasileira e o esporte**: seu corpo, sua história. São Paulo: Mackenzie, 2003.

KRAEMER, Fabiana et al. O discurso sobre a alimentação saudável como estratégia de biopoder. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 24 [4]: 1337-1359, 2014.

LAGARDE, Marcela. **"Gênero", fragmento literal: 'Género', em gênero e feminismo**. Desenvolvimento humano e democracia, Ed. horas e horas, Espanha, 1996, pp. 13-38.

OKIN, Susan Moller. **Gênero, o público e o privado**. Estudos Feministas, Florianópolis, n. 16, p. 305 – 332. 2008.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

PARENTE, Temis Gomes. **Gênero e memória de mulheres desterritorializadas**. ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 99-111. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1451>>. Acesso em: 10/04/2021.

PARENTE, Temis Gomes. Sentimentos e ressentimentos de Eva, uma mulher de vida livre. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (orgs.). **História e sensibilidade**: Paralelo 15, 2006, pp. 295-310.

PORTELLI. Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF. Rio de Janeiro: UFF, v. 1, n.2, 1996, pp. 59-72.

PORTELLI. Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Proj. História, São Paulo. 1997.

PORTELLI. Alessandro. **Um trabalho de relação: observações sobre a história oral**. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v. 7, n.13, 2017. PP. 182-195.

POSEIDON [Profissional de Educação Física]. Entrevista realizada na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 20 dez. 2019. 1 arquivo áudio, 40 min.

RAGO. Margareth. Epistemologia feminina, gênero e história. 2019. In: organização Heloisa Burke de Hollanda. **Pensamento Feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Basar do tempo, p. 371-396.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SANTHIAGO, Ricardo, MAGALHÃES, Valéria Barbos de. **Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevista à distância**. Anos 90, Porto Alegre, 2020.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Da gordinha à obesa. Paradoxos de uma história das mulheres**. labrys, études féministes/ estudos feministas janvier/ juin / 2014 -janeiro/junho 2014. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys25/corps/denise.htm>>. Acesso em: 11/06/2018.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 6, n. 2, Mai-Ago., 2023

SCOTT, Joan Wallach. **A cidadã Paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002; Tradução: de Élvio Antonio Funck. Título original: Only Paradoxes to offer.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, p. 5-22, dez. 1990.

SCOTT, Joan Wallach. Usos e Abusos do Gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, pp. 327-351, dez., 2012.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres.** Dourados -MG: UFGD, 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TULERE[esportista]. Entrevista realizada na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 13 nov. 2019. 1 arquivo áudio, 28 min.

VESTA, [esportista]. Entrevista realizada na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 18 dez. 2019. 1 arquivo áudio, 11 min.

WALSH, Catherine. **Pedagogias decoloniais: Práticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)viver.** 2012. São Paulo: Mariana Bracks Fonseca. Disponível em: <<https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2018/03/catherine-walsh-pedagogc3adas-decoloniales-volume-i.pdf>>. Acesso em: 10/01/2021.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro: ROCCO, 1992.

ZEUS [esportista]. Entrevista realizada na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 20 dez. 2019. 1 arquivo áudio, 16 min.